

O RASGADOR DE ALMAS

A Cidade de Último destino está intrigada com um forasteiro que surgiu há duas semanas, vagou silencioso pelas poucas ruas da Cidade e evitou qualquer tipo de contato. À noite se embrenhava no desfiladeiro que cerca a Cidade e voltava ao amanhecer. Aparentava uns 70 anos, tinha uma espessa barba branca, e cobria-se com uma longa e grossa capa cinza, além de levar várias sacolas dependuradas pelo corpo. Na manhã do décimo quinto dia, viram-no na beira de um penhasco, gesticulando freneticamente como se estivesse rasgando alguma coisa, mas não havia nada em suas mãos. E assim passava horas. E nos dias seguintes procedeu da mesma forma.

Essa louca mola humana chamada curiosidade, tomou conta da pequena Cidade. Seria o forasteiro apenas um louco? Ou estaria fazendo algum tipo de magia?

Quanto tempo a panela de pressão da curiosidade demora para explodir? Era unânime que alguém tinha que ir lá perguntar que diachos o forasteiro estava fazendo. Ele estava se abrigando numa caverna próxima do penhasco, e logo ao amanhecer iniciava seu ritual a beira do penhasco.

O Prefeito foi intimado a subir lá e esclarecer o mistério.

Sofonildo Alberto era Prefeito por aclamação, não tinha havido nenhuma eleição, e mesmo se houvesse não haveriam candidatos. A micro cidade não recebia nenhum tipo de verba ou ajuda dos Governos. Último Destino era praticamente uma Cidade que existia sem existir. Sofonildo era Prefeito por mera formalidade simbólica.

Ao amanhecer se dirigiu ao penhasco a fim de cumprir a honrosa missão que lhe foi outorgada. Nas duas horas de caminhada ele pensou: voltar pra quê? Pra quem voltar? Há 8 anos sua mulher o abandonou e foi em busca de um destino melhor. O comodismo o impediu de acompanhá-la, e nunca mais teve notícias dela.

Chega esbaforido no alto do penhasco, retoma o fôlego e vai logo perguntando com ares de autoridade:

— Mas afinal de contas, o Senhor está fazendo o quê aqui em cima?

O velho não respondeu nada e continuou rasgando o nada.

Sofonildo perguntou novamente, com ares de brabo.

O velho parou seu ritual, voltou-se para Sofonildo e falou categórico:

— Estou rasgando almas.

— Que porra é essa? O Senhor é doido?

— Nem todas as almas conseguem descansar em paz. Elas gritam de desespero e querem simplesmente não existir mais. Por isso me procuram, querem ser rasgadas completamente, e assim deixam de existir.

— O Senhor devia ser imediatamente internado num hospício. O que tá rasgada é a sua mente seu velho doido.

— Os dias que passei caminhando em silêncio na sua Cidade, recolhi várias almas que me pediram desesperadas para serem rasgadas. Leva cerca de 3 horas para rasgar completamente uma alma. Num bom dia consigo rasgar 5 almas. Mas faço o serviço bem feito. As almas sofrem muito quando estão sendo rasgadas, mas quando termino, elas finalmente encontram a paz na inexistência. Sou o quinto rasgador de almas da minha família, meu pai me ensinou o serviço, e antes dele meu avô rasgava almas. Sou como um mensageiro da paz.

— Velho, eu vou voltar com pelo menos dois homens, e vamos lhe levar pro hospício de Primeiro Destino, uma Cidade a dois dias daqui.

Sofonildo começou a descer o penhasco e então o velho gritou:

— Ontem eu rasguei a alma dela.

— Ela quem? Disse Sofonildo.

— Sua mulher morreu no dia em que deixou a Cidade, foi picada por um Cobra venenosa quando já estava no meio deste vale. A alma dela vagou em desespero por longos anos, mas agora encontrou a tão desejada paz.

Marcelo Rocha